

O DISCURSO GREGO: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM AS TROIANAS DE EURÍPIDES E SÓ PARA MULHERES DE ARISTÓFANES

Josiany Sotolani da Silva¹

*Existe um princípio bom que gerou a ordem, a luz e o homem;
há um princípio mau que gerou o caos, as trevas e a mulher.*
Pitágoras

RESUMO

Apresentamos neste artigo uma análise do discurso de grandes teatrólogos gregos, visando a representação teatral da mulher e sua posição na antiga sociedade grega. Para tal argumentação, utilizamos uma tragédia de Eurípides: *As troianas*; e uma comédia de Aristófanes: *Só para mulheres*. Verificamos o discurso ideológico que aparece em formulações das peças. As abordagens que fizemos mostram parte da história social da mulher grega e a posição por ela ocupada. Como aporte teórico, utilizamos a Análise de Discurso francesa com ênfase à noção operatória de ideologia e sujeito.

Palavras-chave: discurso, grécia, mulher, preconceito e sociedade.

Introdução

A mulher ficou à margem social em grande parte do percurso histórico de nossa humanidade. Em algumas sociedades, contudo, com mais privilégios do que em outras. Mas a realidade, mesmo assim, sempre demonstrou o homem como um *ser superior*, devido a sua força, virilidade, e capacidade racional rápida, dizem alguns especialistas.

Essa realidade demonstra que fomos deixadas de lado, não por sermos inferiores, mas por sermos temidas e incompreendidas. Isso é o que nos mostra a história. A mulher foi tida como um *animal* insaciável, destruidora e perspicaz.

Devido a isso, pretendemos demonstrar como era a vida das mulheres numa sociedade que é tida como o berço filosófico-político-social de toda a sociedade ocidental: a Grécia. Resolvemos investigar o espaço sócio-cultural discursivo das mulheres na sociedade grega antiga visto sob uma ótica masculina, pois analisaremos duas peças teatrais que tratam da vida feminina e que foram escritas por homens.

¹ Departamento de Letras. UNEMAT – Campus Universitário de Sinop. Acadêmica do 9º semestre de Letras. E-mail: josianysotolani@gmail.com

Utilizamos-nos de dois textos amplamente difundidos no teatro, tanto na época temporal de nosso recorte como na atualidade. Escolhemos para análise duas peças, *As troianas*, de Eurípides e *Só para mulheres*, de Aristófanes, que mostram não apenas uma mulher, mas sim a realidade de um grupo de mulheres, portanto, atendem ao propósito central de nosso trabalho que é retratar posições ideológicas e relações discursivas que identifiquem o espaço feminino, na visão desses autores.

Nesse artigo abordaremos a terceira fase da Análise do Discurso, visto que é nesta fase que se situa nossos mecanismos de análise: ideologia e sujeito.

Contextualizaremos também, rapidamente, a vida da mulher na Grécia no período Clássico. Por fim, faremos uma comparação entre a visão dos dois autores. Demonstraremos um recorte de cada peça sobre ideologia e sobre assujeitamento, ressaltando assim a importância das peças em seus contextos, tanto social quanto político.

Análise de Discurso em sua terceira fase: sujeito e ideologia

A Análise de Discurso (AD), por sua inovação ao campo das teorias linguísticas, foi fortemente difundida, sobretudo, entre as décadas de 80 e 90 do século passado, quando surgiram diversos pesquisadores, com linhas teóricas diferentes, e por isso, a AD, como outras ciências, foi se aperfeiçoando com o passar do tempo. Por isso, nos dias atuais, há uma divisão quanto aos mecanismos utilizados para a investigação do objeto de estudo. A AD, então, divide-se em três fases. Para a nossa pesquisa interessa nos mais especificamente a terceira fase, que será brevemente apresentada.

Nessa fase não existe mais a concepção de homogeneidade enunciativa, pois ao se admitir o caráter que o sujeito assume diante das várias formações discursivas (FDs) que o compõe, por si só já se admite o caráter heterogêneo do discurso, e passa-se a incorporar a noção de interdiscurso, ou seja, a relação que um discurso tem com outros, como diz Bakhtin: os “já ditos”.

O sujeito aqui não é mais assujeitado a uma máquina discursiva, como na primeira fase da AD, pois todos os discursos que o formam interagem entre si, porém, são assujeitados à ideologia – formação ideológica – conforme analisa Mussalim:

O sujeito, apesar da possibilidade de desempenhar diferentes papéis, não é totalmente livre; ele sofre as coerções da formação discursiva do

interior da qual enuncia, já que esta é regulada por uma formação ideológica. Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (o lugar do professor, do político, do publicitário, por exemplo), que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali (2003, p. 133).

De acordo com Mussalim (2003), nesta fase os analistas evidenciam mais profundamente as diferenças entre as FDs, e adotam a perspectiva segundo a qual os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso (MUSSALIM, 2003, p. 120).

O sujeito aqui ganha uma dimensão maior do que a já disponibilizada nas duas fases anteriores, pois se entende, neste momento, que o sujeito não é apenas assujeitado, mas também se manifesta subjetivamente diante aos discursos pré-estabelecidos, uma vez que ao ser formado por diversos discursos acaba se constituindo único, pois as formações ideológicas que o constituem em certos pontos se diferenciam das formações que constituem o “outro”. Mussalim ressalta que “na AD-3 o primado do interdiscurso – têm-se um sujeito essencialmente heterogêneo, clivado, dividido (2003, p. 134).

Baseados nos pressupostos de Lacan, em relação à Psicanálise Freudiana, e em Althusser, em relação à releitura marxista do materialismo histórico, faz-se nesta fase um intercruzamento entre ideologia e inconsciente, sendo que neste momento entendese que um está diretamente ligado e atuante sobre o outro. Sobre isto, Furlanetto (2003) afirma que “os sujeitos sofrem pressões ideológicas e, simultaneamente, são condicionados por seus desejos inconscientes. Esse reconhecimento, no campo da teoria, estabeleceu uma subjetividade desdobrada” (FURLANETTO, 2003, p. 5).

Então, para a AD-3, o sujeito não mais se estabelece de uma forma apenas dialógica, como na AD-1, em que há uma relação entre eu e tu, ou na AD-2 em que o tu age sobre o eu, mas nesta última fase a relação está no espaço criado entre ambos, ou seja, na interferência que um sofre sobre o outro (BRANDÃO, 1998).

Portanto, analisaremos as obras citadas a partir dos conceitos de assujeitamento estabelecidos por esta última fase, AD-3, especificamente no entrecruzamento entre ideologia e inconsciente e em que pudemos apreender manifestações subjetivas/discursivas do sujeito mulher ainda que submetida às ideologias das instituições do

Estado.

A mulher grega: um paradoxo social

Sempre vimos a Grécia como berço da civilização ocidental, lugar de grandes pensadores, homens que lutavam para construir uma sociedade melhor. Melhor, é claro, para servir-lhes, a eles, os homens. Há um lado obscuro da história que não se mostra tão atraente como nos parece ser a vida naquele tempo na Grécia.

Sobre a vida das mulheres pouco se sabe, pois pouco há de registro em relação a isto na literatura histórica, mas compreendemos que uma das formas de análise seria a de examinar a figura social dessas mulheres a partir da representação teatral conferida a elas, a seu cotidiano. Sabemos, impreterivelmente, que as mulheres participantes dessa sociedade não podiam escrever (pelo menos não oficialmente), ou seja, sua imagem e seus sentimentos eram atribuídos por homens que acreditavam transpor para as narrativas a verossimilhança da personalidade feminina, além, é claro, de depois representá-las.

Na mitologia, a sabedoria e a razão são representadas por Atena, uma “mulher”, porém “ela não nasceu do ventre de sua mãe e sim da cabeça de seu pai, Zeus” (ANDRIOLI, 2001, p. 1), o que demonstra a inferiorização da mulher desde os primórdios da cultura grega.

Aristóteles, em *Política* (*apud* TORRES, 2001, p. 1), afirma que o motivo da mulher ser inferior ao homem se dá pelo fato de ela não ter a plenitude racional da alma. Por isso, a boa esposa deveria se manter calada, o que era um sinal de submissão bem vista aos olhos do marido.

As mulheres não eram consideradas cidadãs gregas, elas apenas serviam ao seu papel natural: ser mãe e dar filhos legítimos ao marido - filhos homens. Sobre isto Roberts (1998, p. 34) ironiza: “a história da ‘boa’ esposa ateniense – cujo único papel era prover o marido com herdeiros homens – é uma verdadeira tragédia grega”.

Nem todas as mulheres se mantiveram cativas a esse processo social, houve aquelas que lutaram por seu espaço, seu reconhecimento, e eram vistas pela sociedade como prostitutas; não prostitutas apenas da forma que entendemos hoje, pois, para a civilizada Atenas, toda mulher que não respeitasse o seu espaço (*oikos*) e seu lugar na sociedade era vista como prostituta. Este fato é explicitado por Roberts (1998, p. 39), a

qual afirma que: “para as mulheres, sair da sombra de seus maridos significava serem publicamente identificadas como prostitutas. Mesmo as mulheres ‘respeitáveis’ que negociavam no mercado eram assim rotuladas”.

Ainda houve um grupo de mulheres (*as hetairaes*) que, mesmo sendo prostitutas, eram temidas não só por sua beleza, mas, principalmente, por seu alto nível de conhecimento e argumentação. As *hetairaes* eram consideradas prostitutas por não se adequarem ao sistema político da época, e de fato nem todas se prostituíam. Conta-se que a líder das *hetairaes*, fundadora da maior escola filosófica para mulheres da Grécia Clássica, foi a poetisa Safo, da qual não há registro que tenha de fato se prostituído (ROBERTS, 1998).

Esse grupo de mulheres foi o único admirado por grande parte dos pensadores e governantes da época, como Alexandre, Péricles, Sócrates (que levava seus alunos para assistir palestras com Aspásia²), Platão, entre muitos outros, que não só por admiração, tinham nessas mulheres suas companheiras tanto na política e filosofia como na cama, pois, como se percebe, os homens atenienses preferiam esposas silenciosas e amantes filosóficas, nisso consiste o paradoxo social das mulheres.

A mulher, considerada ser inferior, deixou marcas reduzidas na história, porém, como disse Aristóteles (Política, VI, 1270 a-b, p. 60-61, apud TORRES, 2001, p. 3):

Da mesma forma que o homem e a mulher são parte da família, é obvio que a cidade também é dividida em uma metade da população masculina e outra metade da população feminina. De tal forma que em todas as constituições na qual a posição da mulher é mal ordenada se pode considerar que metade da cidade não tem leis.

Aqui, concordamos com Aristóteles, pois como ele diz a cidade é formada por homens e mulheres, e, ao se excluir a mulher de tal processo, os próprios homens comprovaram sua incapacidade de uma boa gestão, pois deixaram à margem social metade de sua população. E mais grave do que ter deixado de lado essa parcela, foi ter subjugado as mulheres a seus caprichos. Mas, como evidenciamos, mesmo tendo durado séculos sua opressão, a mulher sempre lutou, e mesmo que poucas tenham sido *registradas* pela história masculina, elas mostraram a força e o desejo de uma mulher que não aceita servilmente a submissão.

² Amante de Péricles, foi considerada a maior filósofa da Grécia, prostituta por gosto, mesmo que indiretamente, influenciou muito as atitudes sociais de seu tempo.

A análise: representação feminina constituinte nas obras

As troianas, de Eurípides: considerações iniciais

A obra *As Troianas*, de Eurípides (485 a.C. – 406 a.C), foi representada pela primeira vez em 415 a.C., e narra a história das sobreviventes da guerra entre Tróia e Grécia. O texto mostra, com grande emoção, o destino das mulheres que outrora tinham honras de rainhas, princesas e mulheres ilustres. Após a guerra, todas, sem exceção, viram escravas, algumas para as tarefas diárias, como concubinas, outras como amantes e escravas sexuais, o que dependeu de cada senhor. Entre as cativas encontra-se Helena, “causadora” da guerra. O rei Menelau a leva como prisioneira e promete a rainha Hécuba que deixará o povo decidir seu destino, uma vez que eles perderam seus entes queridos na guerra, e tudo por culpa dela.

A peça termina com o incêndio dos destroços da cidade, e no fundo dirigem-se às naus de seus senhores as mulheres já partilhadas, a rainha tenta uma última alternativa frustrada de se jogar contra as chamas, após ser impedida é levada ao navio de seu senhor. E o coro encerra: *Ai! Adeus, minha triste cidade! Caminhemos, forcemos os pés a andar para as naus dos aqueus!...*

Só para mulheres, de Aristófanes: primeiros apontamentos

Aristófanes (455 a.C. – 385 a.C.) apresentava aversão às inovações sociais e criticava todos que acreditavam nela. Um de seus rivais, devido a isto, foi Eurípides, pois ele remodelou a tragédia, saindo do tradicional, o que dezasossegou Aristófanes, por isso, em 411 a.C., ele escreveu a peça *Só para Mulheres*, destinada a fazer uma crítica ao colega de teatro.

A peça conta a história de um grupo de mulheres que se reúne para comemorar as Tesmôforas - festa destina às deusas Deméter e Perséfone - para decidir o destino de seu malfeitor, o *pérfido* Eurípides, que envenena, segundo elas, a mente de seus maridos.

A peça, cheia de humor e ironia, satiriza a postura do colega Eurípides, devido a suas inovações no teatro. Aristófanes, mesmo com esse caráter de crítica, faz, assim como seu rival, um apelo social pelos que estão à margem de todo processo social, e

nesta peça se utiliza dos discursos de Eurípides para mostrar a posição feminina, de acordo com sua visão, em sua sociedade contemporânea.

Nuances de sentido das obras: sujeito assujeitado

F1³ - “Ah! Céus! Em que palácio irei servir? De que senhor, de quem serei cativa, eu velha, triste, inútil qual zangão, espectro lastimável, nada mais que a sombra sofredora de um cadáver? Guardar as portas, pajear crianças... eis a tarefa reservada àquela que em Tróia tinha as honras de rainha!” (Hécuba, p. 179 – As troianas).

F2 - “Ele também é culpado por se colocarem agora nos quartos das mulheres trancas e ferrolhos para nos guardar, e também pela criação de cães ferozes, espantalhos para os amantes. Tudo isso ainda é compreensível, mas o que nós mesmas podíamos fazer antes – dirigir a casa e tirar da dispensa as provisões (farinha de trigo, azeite, vinho) -, isto também os maridos já não permitem; eles agora andam com chaves de segredo de três dentes – as mais seguras – feitas na Lacônia” (Primeira Mulher, p. 128 – Só para Mulheres).

O discurso da rainha Hécuba em F1 é de grande importância para demonstrar o assujeitamento na perspectiva da terceira fase da AD, ou seja, o sujeito manifesta-se resistente às imposições sócio-discursivas a partir dos traços subjetivos evidenciados, pois se mostra em seu discurso duas posições distintas de sujeito: rainha/concubina. Ela mostra certa resistência para assumir sua nova condição.

Não apenas pelo fato de servir, mas pelo fato de mudar de posição social: como ela mesma destaca “eu velha, triste, inútil...”, tentando penalizar seu ouvinte de sua situação, mas com isso, também ela mostra o que realmente lhe incomoda, ao afirmar: “eis a tarefa reservada àquela que em Tróia tinha as honras de rainha!”, esse posicionamento dividido entre os dois sujeitos representa a noção subjetiva do sujeito clivado, cingido, permeado por relações interdiscursivas que o constituem.

Já na obra *Só para mulheres* pode-se notar o assujeitamento em F2, pois se elucida aqui a falta de “caráter” da mulher, mostra-se uma mulher falando que Eurípides “também é culpado por se colocarem agora nos quartos das mulheres trancas e ferrolhos para nos guardar”, fato que, contudo, salienta a verdadeira condição feminina da época visto que as mulheres realmente ficavam trancadas, claro que não da forma como ironiza o autor da peça, mas de forma bastante semelhante: seu único espaço era o

³ Significa, em nosso contexto de análise, Formulação Discursiva.

*oikos*⁴, e caso houvesse alguém estranho na casa ela deveria se resguardar em seus aposentos, ou seja, já vivia em um processo de reclusão.

Contudo, em F2, percebe-se de fato a atitude feminina, isto é, a manifestação subjetiva do sujeito mulher nas marcas “e também pela criação de cães ferozes, espantalhos para os amantes”, pressupondo que as mulheres tinham de fato amantes. Cabe aqui a citação de Torres (2001, p. 5), em que a autora salienta que para o homem “as necessidades carnis e sentimentais eram satisfeitas fora do casamento com rapazes ou concubinas e cortesãs”. Pois, como completa Maffre (apud Torres, 2001, p. 5), “as relações heterossexuais pareciam ser adversas ao ‘amor’”. Então, percebe-se que o fato comum do homem ter relações extraconjugais, até mesmo homossexuais, era comumente aceito moralmente pela sociedade, mas, mais uma vez, em nada isto se aplicava às mulheres.

O caráter de ironia nessa formulação se dá, principalmente, após Aristófanes falar dos amantes, ele salienta “Tudo isso ainda é compreensível”, ou seja, o marido tem o direito de trancar a mulher e não permitir o adultério, mesmo ele realizando o contrário.

As marcas trazem ainda, como crítica ao texto de Eurípides, a polêmica da condição feminina de dona de casa, “mas o que nós mesmas podíamos fazer antes – dirigir a casa e tirar da dispensa as provisões (farinha de trigo, azeite, vinho) -, isto também os maridos já não permitem”, ou seja, a mulher só se constituía socialmente enquanto dona de casa.

Por trás desse humor pode-se notar uma propensão à continuidade do processo de discriminação à mulher na sociedade ateniense, pois, como se disse anteriormente, Aristófanes era radicalmente contrário às mudanças. A tentativa de dar voz às mulheres justifica-se, exclusivamente, para desqualificar a suposta permissividade discursiva do rival.

Nuances de sentido das obras: ideologia

F3 - “seu castigo levará as mulheres a ter mais recate, por mais difícil que lhes seja. Seu suplicio inspirará maior decência até às desbriadas e sensatez até às mais despidoradas” (Menelau, p. 218 – As troianas).

⁴ O espaço social que cabia à mulher – a casa.

F4 - “Sem dúvida há quem fale mal da raça feminina. Dizem que somos um flagelo para os homens, que todos os males vêm de nós – os confrontos, as querelas, a terrível discórdia, os desgostos, a guerra. Mas vejamos: se somos realmente um flagelo, por que... (apontando para os espectadores) ...vocês se casam conosco e não nos deixam sair, e nos proíbem de ficar na janela com a cabeça pendurada para fora, e se empenham tanto em querer as pestes junto a vocês?” (Parábase⁵, p. 148-149 – *Só para Mulheres*).

Ao analisarmos as vozes discursivas de Menelau em *As troianas*, F3, percebemos mais uma vez o reflexo da ideologia social no discurso do personagem. Tais reflexos podem ser apreendidos quando ele afirma que castigará Helena como exemplo e modelo às demais mulheres, ao falar que “seu castigo levará as mulheres a ter mais recate, por mais difícil que lhes seja”? Desse fio discursivo é possível compreender que o modelo de recate a que esse personagem se refere não é aplicável aos homens.

O emprego das marcas por mais difícil que lhes seja, demonstra a absoluta submissão que a mulher ideal deveria viver.

Nesse sentido, não é paradoxo pensar que nessa mesma sociedade que se pregava valores tão rígidos às mulheres, o homossexualismo e a pedofilia eram tidos como *quase* divinos, ou seja, aos homens, seres *perfeitos*, tudo era permitido, assim, um mestre deveria introduzir um rapaz a toda forma de conhecimento. Aqui cabe destacar “os aparelhos ideológicos do estado”, de Althusser, pois é possível perceber nitidamente o controle social que os homens ilustres, os legisladores, exerciam nesta sociedade, a tal ponto que a mulher entendia ser aquela a verdade de sua vida, sua condição primordial.

A Parábase de *Só para Mulheres*, F4, é uma das partes mais interessantes da peça, já que é nela que se faz valer de fato o pensamento do autor. Nesta Parábase, Aristófanes faz uso do coro de mulheres para expressar suas idéias: ele fala por um discurso feminino ideologicamente assujeitado. Como se o próprio autor se travestisse de mulher para dar-lhe a possibilidade irônica de agente do discurso. A ironia se destaca, fundamentalmente, nas seguintes marcas “Mas vejamos: se somos realmente um flagelo, por que vocês se casam conosco e não nos deixam sair, e nos proíbem de ficar na janela com a cabeça pendurada para fora, e se empenham tanto em querer as pestes junto a vocês?”.

No entanto, o questionamento abordado na formulação foge ao protótipo

⁵ Parábase é a parte da comédia em que o corifeu ou o coro todo se dirige diretamente aos espectadores em nome do autor, apostrofando-os e pedindo-lhes que lhe dê a vitória (KURY, 2003).

tradicional do autor e revela, ainda que timidamente, a inquietude da mulher cativa e servil ao marido, ponto que acaba por tornar-se verossímil ao seu opositor.

As Troianas *versus* Só para Mulheres: a realidade social constituinte nas obras

As duas obras assumem posições opostas no que diz respeito ao gênero (tragédia/comédia), contudo, à sua maneira, demonstram a situação da mulher em sua sociedade.

Eurípides foi considerado como o primeiro psicólogo da humanidade, por tratar, em suas peças, profundamente os sentimentos humanos. Por este motivo ele utilizava geralmente mulheres para protagonizar suas peças, e, nesse sentido, muitos entenderam que o caráter descritivo de Eurípides poderia se traduzir como preconceito aos padrões morais e sociais vigentes na época, mas, em todo nosso percurso de análise, entendemos que a forma como o poeta trata desses sentimentos e valores, é justamente para evidenciar que o homem é o responsável por suas ações e não os deuses. Ele tenta tirar destes últimos toda a carga sentimental atribuída pelos homens. E é a partir dessa nova conceitualização que se pode afirmar que suas peças têm um caráter inovador, pois ele se filia as correntes racionais que surgiam na época, inclusive apontando que as leis e normas eram instituições humanas e não divinas.

Este é um dos principais motivos por que Aristófanes o ataca, não pelo julgamento estrutural de suas peças, mas por sua filiação à tradição do teatro, a qual priorizava, sobretudo, o respeito às intervenções divinas, o que, de certa forma, Eurípides, quebrava, ao deixar de atribuir aos deuses à culpa pelas ações humanas.

Mesmo que os dois se filiem a ideologias diferentes: Eurípides/sofismo – Aristófanes/tradição, não se pode negar o caráter dialógico entre ambos, pois, mesmo que com objetivos diferentes, os dois demonstravam um caráter denunciativo em suas peças, um ao abordar a psicologia humana, o outro ao demonstrar a opressão do Estado. Nenhuma mulher, na Grécia Antiga, podia participar atuante nas peças de teatros, só homens, então, mesmo que se protagonizasse uma mulher, ao homem caberia este papel. Então, mesmo que estes autores tentassem mostrar a realidade social das mulheres, eles falavam de um espaço constituinte do discurso masculino, e atribuíam, conforme seus entendimentos, os sentimentos, ideias e ações às mulheres. O que prova

o silêncio das mulheres, pois, como ressalta Barros (2005, p. 2), “a mulher que ousa falar deve falar pouco e rápido”, e a própria voz lhe é dada pela pena de um homem, mesmo que os mesmos tenham ciência do fato e denunciem também esta situação.

Outro fato importante de ser ressaltado é que a festa comemorada na segunda peça, as Tesmôforas, só aceitava a participação de esposas legítimas, ou seja, além de serem em número reduzido, só participavam as mulheres que tinham algum tipo de ligação com o Estado, mostrando outro tipo de preconceito, uma vez que as próprias mulheres não aceitavam, em seu meio, “pessoas” menos favorecidas que elas. Este fato se dá no âmbito social e religioso, já que não foram as mulheres que criaram estas regras, mostrando outra forma de opressão ideológica do Estado, que excluía toda e qualquer “pessoa” que não se adequasse aos seus padrões.

Destacamos que a subjetividade, constituinte da terceira fase da AD, é percebida na transgressão das regras feita pelos autores justamente ao não reproduzirem o discurso vigente da época, e é nesse sentido que os dois ganharam destaque neste trabalho, pois, mesmo tendo linguagens e formas diferentes de fazer teatro, tentaram, em suas peças, denunciar os problemas sociais e as desigualdades de sua época.

Conclusão

O tema da posição da mulher na sociedade está sendo fortemente discutido nas últimas décadas, sobretudo, por causa da visível ascensão feminina no contexto social. Atualmente, não há mais espaço para definir o que é masculino e o que é feminino, tudo está globalizado, nem uma função é mais só de um determinado gênero. Mas, mesmo assim, ainda nos deparamos com o preconceito, com a discriminação e com a falsa ilusão de sexo “frágil”.

Se hoje a mulher ainda briga por seu espaço, imagine como era há milênios atrás. Foi para resgatar um pouco desses vestígios históricos que realizamos este trabalho, pesquisando para tal uma das sociedades de maior influência em nosso mundo contemporâneo.

Em nossa análise, buscamos mostrar através dos recortes linguístico-discursivos a posição e o desempenho social das mulheres gregas, evidenciando, fundamentalmente, o assujeitamento ao qual elas eram submetidas. Esse assujeitamento se dava, de certa forma, pelas próprias mulheres, ao “aceitarem” sua posição social e o papel designado a

elas pelos homens. Entre os vários argumentos destacados na análise, gostaríamos de frisar que mesmo tendo sido homens os escritores das peças, estes tentaram mostrar o real papel feminino, de forma distinta e inovadora, e empenharam-se em dar voz aos oprimidos e aos marginalizados, é exatamente nesse sentido que se dá o caráter dialógico de autores que na época eram vistos como rivais.

Referências

ANDRIOLI, Liria. *A mulher na história da filosofia: uma análise na perspectiva da corporeidade*. 2001. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/058/5andrioli_liria.htm. Acesso em 07/06/2008.

ARISTÓFANES. *As nuvens; Só para mulheres; Um Deus chamado dinheiro*. Trad. de Mário da Gama Kury. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 9

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Rainha Filósofo na República de Platão?* 2005. Disponível em: www.paideuma.net/gilda.doc. Acesso em: 25/05/2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

EBERT, Maristela Rempel. *O papel das mulheres no mundo Greco-romano*. 2006. Disponível em: www.espacoacademico.com.br. Acesso em 25/11/2007.

EURÍPIDES. *Medeia; Hipólito; As Troianas*. Tradução do Grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FURLANETTO, Maria Marta. *Análise do Discurso e ensino: como a teoria situa a prática*. 2003. Disponível em: http://br.geocities.com/agatha_7031/ad_ensino.html. Acesso em: 21/04/2008.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

SOUZA, Maria Angélica R. de. *Esposas e atividades domésticas: transgressões ao modelo melissa*. Comunicação apresentada no: IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos. 2001. Disponível em: www.geocities.com/textosbec. Acesso em: 07/06/08.

TORRES, Moisés Romanazzi. *Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV a.C.)*. 2001. In: Revista Eletrônica: A Cidade das Mulheres - Cidadania e Alteridade Feminina na Atenas Clássica. Disponível em:

**THE GREEK SPEECH: A REPRESENTATION OF WOMEN IN
THE TROJAN WOMEN BY EURÍPIDES AND ONLY
FOR WOMEN BY ARISTOPHANES**

ABSTRACT

We presented in this work an analysis of the great Greek playwrights' speech, seeking the woman's theatrical representation of the woman and your real position in the old Greek society. For such argument, we used a tragedy of Euripides: The Trojans; and a comedy of Aristophanes: Only for women. We verified the ideological speech that appears in formulations of the pieces. The approaches that we did show part of the social history of Greek woman and the positions for busy to her. As theoretical contribution, we used the French Analysis of Speech with emphasis to the operative notion of ideology and citizen.

Keywords: speech, greece, woman, prejudice and society.